



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

# revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 8, art. 3, p. 48-68, ago. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.8.3>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Diadorim

## Da Política Nativa à Política Formal: A Capoeira Angola Teresinense e o Valor da Ocupação do Espaço Público

### From Native Politics to Formal Politics: Capoeira Angola from Teresina and the Value of Occupying Public Space

**Childer Nataniel Pereira Silva**

Mestrado em Antropologia e Arqueologia Universidade Federal do Piauí

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí

E-mail: shylder10@hotmail.com

**Celso Brito**

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí

E-mail: celsodebrito@ufpi.edu.br

**Endereço: Childer Nataniel Pereira Silva**  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Ininga,  
Teresina - PI, 64049-550. Brasil.

**Endereço: Celso Brito**  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Ininga,  
Teresina - PI, 64049-550. Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

**Artigo recebido em 07/05/2020. Última versão recebida em 26/05/2020. Aprovado em 27/05/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de construção identitária do coletivo de Capoeira Angola Domingos de Angola, da cidade de Teresina-PI, e a busca de reconhecimento pelo seu líder no cenário local. O campo em que o coletivo analisado está situado é formado por grupos de capoeira que seguem distintas vertentes da prática. Dentre os “valores” ou “fundamentos” mobilizados pelo coletivo com vistas à legitimação de sua prática, focamos na ocupação de espaços públicos, sobretudo do Parque da Cidade de Teresina. Para realizar esta análise, mantemos em mente a noção de segmentaridade (GOLDMAN, 2001) e adotamos o método etnográfico. Conclui-se que os novos valores inseridos no processo político nativo dos capoeiristas de Teresina fazem com que a questão do uso do espaço público seja redirecionada à esfera da política formal, enquanto uma reivindicação do “direito à cidade” (LEFEVBRE, 1969).

**Palavras-chave:** Capoeira Angola. Espaço Público. Política Nativa.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the process of identity construction of a Capoeira Angola teresinense collective called Domingos de Angola and the consequent search for recognition by its leader on the local scene. The field in which the collective analyzed is located is formed by groups of Capoeira that follow different aspects such as Capoeira Regional, Contemporânea and Angola from Bahia. Among the “values” or “foundations” mobilized by the collective with a view to legitimizing their practice, we will focus on the "occupation of public spaces", above all, of the Parque da Cidade de Teresina. To carry out this analysis, we will keep in mind the notion of “segmentarity” (GOLDMAN, 2001), as well as we will follow the ethnographic method. It is concluded that the new values inserted in the native political process of capoeiristas from Teresina.

**Keywords:** Capoeira Angola. Public Place. Native Politics.

## 1 INTRODUÇÃO

Para compreender o processo de formação do coletivo de Capoeira Angola teresinense, denominado Domingos de Angola, analisaremos as relações entre os capoeiristas da cidade de Teresina-PI em encontros coordenados por Felipe Esdras no Parque da Cidade. Trata-se de um coletivo que acaba de passar pelo que Araújo (2004) chamou de “conversão da Capoeira Regional para a Capoeira Angola”, o que, nos termos da autora, faz desse coletivo um grupo de “angoleiros emergentes”.

De acordo com estudos anteriormente realizados, os grupos das diferentes vertentes da capoeira (Regional, Contemporânea e Angola) constroem suas respectivas identidades segundo um processo contrastivo e mediante a eleição de sinais diacríticos chamados de “fundamentos da capoeira” (BRITO, 2017). Tais sinais diacríticos definem as identidades no interior do universo da capoeira, ao mesmo tempo em que fornecem critérios para avaliação de legitimidade usados para atribuir reconhecimento aos novos capoeiristas em trânsito de uma tradição para outra. Cada mestre tem relativa autonomia para inserir suas próprias idiossincrasias sobre esses “valores/fundamentos” sem negar, entretanto, os mais gerais da tradição na qual está inserido, sob o risco de perder legitimidade.

Partimos do pressuposto de que para cada vertente da capoeira mantêm-se critérios de avaliação para atribuir legitimidade e reconhecimento, com base nos quais os coletivos em formação visam adequar-se. Esse conjunto de valores/fundamentos exigidos e os meios pelos quais os pretendentes à legitimidade correspondem a ele será aqui chamado de regime de legitimação (RL). De acordo com as principais vertentes da capoeira, propomos que existem diferentes regimes, entre eles: regime de legitimação da Capoeira Regional (RLCR), regime de legitimação da Capoeira Contemporânea (RLCC) e regime de legitimação da Capoeira Angola (RLCA). Esses regimes situam-se, nesse quadro, como subsistemas dentro de um sistema mais abrangente, de modo que funcionariam como pontos em um *continuum* entre “modelos ideais” pelos quais alguns coletivos transitam, dando origem, em alguns casos, a arranjos mistos, tendendo para um lado ou para o outro o suficiente para serem reconhecidos como um ou como outro.

Apesar de os valores *linhagem* e *ancestralidade* estarem presentes em todos os RL, percebemos que em um deles, no RLCA, tais valores/fundamentos englobam outros menos relevantes, da mesma forma que, inversamente, no RL das demais vertentes, eles são englobados por outros mais relevantes (DUMONT, 1997). Essa inversão corresponde ao funcionamento contrastivo da produção das identidades neste universo (BARTH, 2000).

O contraste aparece com maior nitidez entre a tendência “hierárquica” do RLCA, que tem a *ancestralidade* e a *linhagem* como valores englobantes que se materializam na pessoa dos mestres “cabeças de linhagem”, e a tendência “individualista” do RL das outras vertentes, que têm como valores principais a *valentia*, expressa em jogos mais agressivos durante as rodas de capoeira, e a *autonomia/independência* do trabalho do líder do coletivo em relação a uma hierarquia piramidal.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Vale a pena discorrer brevemente sobre a nossa ideia de valores/fundamentos. Está pensada como uma categoria que opera em três sentidos distintos e complementares na nossa concepção de regime de legitimação (RL):

1) A funcionalidade dos valores/fundamentos se manifesta em um sinal diacrítico, ou um conjunto de sinais, necessário(s) para a elaboração das “identidades contrastivas”, que pode(m) ser tanto elementos materiais quanto ideias (BARTH, 2000), como um “interesse” que permite o surgimento de relações sociais em dada situação no interior dos coletivos formados segundo o conjunto de sinais diacríticos.

2) De acordo com Radcliffe-Brown (1973, p. 245, grifo nosso), “existe relação social entre dois ou mais organismos individualmente quando há certo ajuste de seus respectivos *interesses*, pela convergência de interesse, ou pela limitação de conflitos que possam surgir da divergência de *interesses*”. Essas relações sociais e os interesses que as mantêm serão concebidos como contextuais e situacionais, formando uma unidade social ou “segmento” que pode ser feito e desfeito logo em seguida e refeito novamente.

3) Valoração ideológica dos “fundamentos” que formam os quadros dos distintos RL para a ação dos sujeitos em busca de reconhecimento. Nossa referência se situa no debate entre “hierarquia” (da *linhagem* e da *ancestralidade*) e “individualismo” (da *valentia*). A “hierarquia” pela via da *linhagem* e da *ancestralidade* seria um valor geral do sistema total da capoeira: no RLCA ela engloba o “individualismo” presente no fundamento *valentia* de modo que ações que visam expressar *valentia* existem, mas não são positivamente valoradas; já nos RL das outras vertentes, o “individualismo”, pela via da *valentia*, aparece como um valor ideal que camufla a existência real da “hierarquia” pela via da *linhagem* (a *ancestralidade* parece ser de fato inexistente ou pouquíssimo presente nesses regimes), remetendo a *linhagem* para um segundo plano, como um guia para as ações dos capoeiristas que buscam legitimidade e reconhecimento em tais regimes.

Por fim, Dumont cita Parsons (1955) para explicar a ideia que inspirou nossa análise:

A *ação* está orientada para certos objetivos: ela implica também um processo de *seleção* quanto à determinação desses objetivos. Nessa perspectiva, todos os componentes da ação e da situação na qual ela se desenvolve estão sujeitos a *avaliações*... Primeiro, as unidades do sistema, quer se trate de atos elementares ou de papéis, de coletividades ou de personalidades, devem ser submetidos pela natureza das coisas a uma tal avaliação... uma vez dado o processo de avaliação, é preciso que ele sirva para diferenciar estas ou aquelas entidades *numa ordem hierárquica*... Quanto à segunda consequência, ela é conhecida e dela depende a estabilidade dos sistemas sociais; ela enuncia que, sem uma *integração dos critérios de avaliação*, as unidades constitutivas não formariam um “sistema de valores comum”, ...a existência de um tal sistema participa da mesma natureza da ação, tal como ela se desenvolve nos sistemas sociais (“*Novo esboço de uma teoria da estratificação*”, em *Elementos para uma sociologia da Ação*, pp. 256-257). Em outros termos, o homem não apenas pensa, ele age. Ele não tem só ideias, mas valores. Adotar um valor é hierarquizar, e um certo consenso sobre os valores, uma certa hierarquia das ideias, das coisas e as pessoas é indispensável à vida social (DUMONT, 1997, p. 66, grifos do autor).

### 3 METODOLOGIA

Com o intuito de analisar a mobilização dos “valores em ação” relativos aos regimes de legitimação do universo da capoeira, nos remetemos ao sistema sócio-organizacional da Capoeira Angola, previamente definido apenas na medida em que fornece um quadro destes valores enquanto hipótese a ser averiguada em campo. Desse modo, apesar de termos delineado um esquema teórico (tópico anterior), realizamos um trabalho etnográfico que visa à construção de uma “teoria etnográfica”, conforme escreve Marcio Goldman:

Uma teoria etnográfica tem, portanto, como objetivo central elaborar um modelo de compreensão de um objeto social qualquer (linguagem, magia, política, etc.), o qual, mesmo produzido em e para um contexto particular, possa funcionar como matriz de inteligibilidade em e para outros contextos. Nesse sentido, permite superar os conhecidos paradoxos do particular e do geral, assim como, talvez, os das práticas contra as normas ou das realidades em oposição aos ideais. Isso porque se trata sempre de evitar as questões abstratas a respeito de estruturas, funções ou mesmo processos, e dirigi-las para os funcionamentos e as práticas (GOLDMAN, 2006, p. 28).

Além disso, manteremos presente uma preocupação histórica, cuja análise se dá com base em entrevistas que foram realizadas com capoeiristas (Felipe Esdras, Contramestre Buscapé e outros) de diferentes coletivos e com outros sujeitos de pesquisa, como os funcionários do Parque da Cidade (vigias).

Nos encontros do coletivo Domingos de Angola, participamos de uma reunião de representantes de distintas vertentes de capoeira presentes na cidade de Teresina, todos

interagindo e, aparentemente, negando seus valores específicos, os quais dariam luz ao princípio de contrastividade na elaboração identitária. O que víamos era um grande coletivo homogêneo sem fundamentos definidos e sem critérios de legitimação, mas que, gradativamente, tornou-se um coletivo completamente heterogêneo, cujos distanciamentos e aproximações em termos de valores/fundamentos foram se delineando gradativamente e em ocasiões distintas. O que se manteve, contudo, desde o início da pesquisa, é que Felipe Esdras era o principal articulador do coletivo e que ele próprio era o elo entre as distintas vertentes e os diferentes grupos ali presentes.

Assim como os modelos dos sistemas organizacionais são ideais e nunca encontrados completos na realidade, as identidades dos grupos que definiremos aqui são sempre fruto de um empobrecimento de outros pertencimentos (definidos como partilha de valores/fundamentos em comum) a uma tradição, a uma vertente, a uma linhagem, a um grupo (SERRES, 1997 *apud* GOLDMAN, 2001).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, levantamos as seguintes questões: a) É possível entender o coletivo Domingos de Angola segundo o quadro teórico do “sistema de linhagem”? b) Em torno de quais valores/fundamentos os grupos de capoeira teresinenses se aproximam e se distanciam entre si e do coletivo Domingos de Angola?

O artigo está organizado em três partes: 1. a aproximação de Felipe Esdras aos valores/fundamentos da Capoeira Angola, concomitante ao seu gradativo afastamento dos valores/fundamentos da Capoeira Regional; 2. os encontros que formaram o coletivo Domingos de Angola e a centralidade do Parque da Cidade como espaço público ocupado pelos capoeiristas; 3. uma breve consideração final, em que sustentamos que o coletivo Domingos de Angola elegeu alguns fundamentos da Capoeira Angola teresinense, aqueles de menor potencial contrastivo em relação aos da Capoeira Regional e da Capoeira Contemporânea (vertentes das quais descendem genealogicamente a maioria dos grupos da cidade de Teresina, com exceção do núcleo de Capoeira Angola Zimba-Teresina/GCAZ), como a *ancestralidade*, de modo a ser reconhecida entre os angoleiros sem ser necessariamente oposta às outras vertentes.

Felipe Esdras manteve sua autonomia/independência em relação aos grupos de Capoeira Angola o suficiente para conseguir ser legitimado pela comunidade capoeirística desta cidade, mobilizando a *autonomia* e a *valentia* como valores/fundamentos de sua prática, assim como mobilizando o valor/fundamento *ancestralidade*, materializado na ideia de “ocupação de espaços públicos”, uma vez que remete ao fato de que os mestres ancestrais praticavam capoeira nas ruas.

Por fim, consideramos que a “ocupação do espaço público” torna-se um ponto de inflexão entre os diferentes RL, peculiar ao contexto da referida cidade, funcionando como uma estratégia dentro da “política nativa” da Capoeira Angola teresinense. A partir dessa materialização peculiar da ideia de ancestralidade, vislumbrou-se um posicionamento político para além do universo nativo, objetivando-se assim a esfera política formal.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 A “conversão” para a Capoeira Angola

Felipe Esdras foi um capoeirista vinculado à Capoeira Regional que fez a conversão para a Capoeira Angola. Contudo, optou por não aderir a todos os critérios legitimadores desta tradição, o que aqui chamamos de critérios de legitimação do sistema de linhagem composto sobretudo pela *linhagem* e, secundariamente, pela *ancestralidade*, almejando assim construir uma vertente local da Capoeira Angola.

Entre outubro de 2017 e julho de 2018, muitos grupos de capoeira da cidade de Teresina mantinham relações diretas com Felipe Esdras e com seu coletivo Domingos de Angola. Pode-se dizer que grande parte desses grupos se encontra vinculado, em termos de genealogia, à Capoeira Regional, entre os quais pode-se citar os grupos Oscarpoeira, Alforria Capoeira, Cordão de Ouro e Escravos Brancos. Para além da relação com tais grupos, Felipe também manteve relações com representantes do grupo Gingado Brasileiro de Capoeira (vinculado à vertente de Capoeira Contemporânea) e representantes de grupos de Capoeira Angola, como os membros do núcleo do GCAZ-Teresina e do grupo de Capoeira Angola Guaribas (sediado na cidade de Picos-PI), ambos conectados à tradição da Capoeira Angola baiana.

Felipe nos informou que teve sua primeira experiência com a capoeira ainda na infância, em um grupo denominado Oscarpoeira, cuja sede era o próprio Parque da Cidade. Não havia grupos de Capoeira Angola na época e a prática se resumia a um estereótipo folclorizado em situações esporádicas na dinâmica dos grupos de capoeira da cidade, como uma “capoeira ancestral”. Inclusive, em alguns grupos, nem todos os membros possuíam permissão para jogar Capoeira Angola, somente os mais experientes.

Com o decorrer do tempo, Felipe alterou seu estilo de jogo, seus movimentos e cantos, diminuiu o valor que atribuía ao combate corporal (*valentia*) e aumentou o seu apreço à musicalidade, elemento muito característico da Capoeira Angola (FRIGERIO, 1989). Além

disso, mudou sua forma de vestir-se, influenciado por vídeos acerca de uma Capoeira Angola “antiga” disponibilizados na internet: passou a usar calças sociais e chapéu e abandonou as roupas brancas e o cordel (insígnia da hierarquia da Capoeira Regional e Contemporânea).

Depois de algum tempo, Felipe afastou-se do Grupo Oscarpoeira e, decidido a não mais fazer parte de nenhum outro grupo, passou a frequentar as rodas de rua em Teresina-PI e em Timon-MA (cidade vizinha separada pelo Rio Parnaíba). Para Felipe, sua transição da Capoeira Regional do grupo Oscarpoeira para a Capoeira Angola sem grupo significou o abandono das academias, das escolas de capoeira, dos uniformes, dos cordões, dos treinos e do pagamento de mensalidades.

Aqui já se evidencia o papel que o espaço público e a gratuidade teriam no coletivo Domingos de Angola, que se formaria anos depois, pois seu idealizador acreditava que a Capoeira Angola deveria ser praticada, sobretudo, na rua. Entretanto, como não havia nenhum angoleiro na cidade, a formação de Felipe seguiu através de informações veiculadas na internet (como vídeos no *Youtube* e no *Facebook*) oriundas de diferentes grupos de Capoeira Angola espalhados pelo Brasil.

A partir de determinado tempo, ele deixa de assistir ao material de grupos aleatórios e se concentra no aprendizado de uma tradição específica, a do grupo de Capoeira Angola Senhor do Bonfim, de mestre Ananias, localizado na cidade de São Paulo. Tal mestre deu início ao seu trabalho com a Capoeira Angola em São Paulo em um espaço público (a Praça da República) e sempre contou com a presença de capoeiristas de distintas vertentes (Regional e Angola). Mestre Moreno, discípulo direto de Mestre Ananias, afirma que:

[...] a Roda da República sempre foi uma roda mista, só mais tarde... depois, na década... em 1987 foi que a gente começou a fazer uma Capoeira Angola. Houve no começo uma certa resistência, mas depois o pessoal gostou, porque a gente sentia que a capoeira regional estava muito violenta mesmo... (AUETU, 2014).

Mestre Ananias passou a ser a referência de Felipe, mas, ainda assim, não se tratava de uma referência legítima e de sua entrada na linhagem do referido mestre, pois Mestre Ananias não o havia reconhecido. Contudo, os fundamentos desse mestre eram visíveis na prática de Felipe: na sua vestimenta (chapéu, calça social, cinto, sapato, camisa por dentro da calça, não utilização de uniforme), no apreço pelas rodas de rua, pelo jogo rápido e pela musicalidade (dava preferência aos toques de berimbau e às músicas gravadas por Mestre Ananias em seus treinos e rodas realizados nos espaços públicos dos parques teresinenses). Felipe passou a viajar para eventos de Capoeira Angola, sempre para regiões próximas como Maranhão,

Ceará ou interior do Piauí; as duas únicas viagens mais longas que ele fez foi para São Paulo, sendo duas visitas à casa de Mestre Ananias.

Com essa narrativa, tudo levava a crer que Felipe acabaria por entrar no grupo de Mestre Ananias, conseguindo assim um mestre e a legitimidade como angoleiro, uma vez que uma das formas de aderir ao sistema de linhagem é pela filiação a um grupo tradicional (BRITO, 2017). A não aderência ao grupo de Mestre Ananias era conscientemente politizada por Felipe que, apesar de explicitar sua “proximidade” com a Capoeira Angola pela adoção de alguns dos “fundamentos” de tal mestre, também marcava sua “distância” ao refutar a ordem dos instrumentos utilizados no ritual da roda de capoeira: Mestre Ananias usava três berimbaus, dois pandeiros, um gã, um reco-reco e dois atabaques; já o conjunto de instrumentos adotados por Felipe não contava com nenhum atabaque e com três pandeiros. Tratava-se de um sinal diacrítico, de um contraste consciente. Felipe adotava os fundamentos de um mestre com quem se identificava, mas ainda assim não queria se fundir à sua linhagem. Dizia: “eu quero mesmo fazer a Capoeira Angola do meu jeito, uma Capoeira Angola de Teresina, ué”.

No universo da capoeira, alguém está apto a ministrar aulas quando autorizado por seu mestre. Para isso, é necessário, antes de mais nada, ter um mestre, o que faltava a Felipe. Diziam de Felipe: “lá vai o angoleiro sem mestre” ou “o angoleiro de internet”, demonstrando que o valor genealógico do sistema de linhagem parece ter vigorado aqui e mobilizado uma categoria acusatória. O interessante é que a acusação aqui não é feita para o capoeirista (genericamente), mas para o “angoleiro”, o que atesta o conhecimento dos acusadores – oriundos das demais vertentes – da importância do pertencimento a uma linhagem atuante no regime de legitimação da Capoeira Angola.

No caso das outras vertentes da capoeira, o reconhecimento formal é atribuído por um mestre, grupo ou por vários mestres não necessariamente conectados pela mesma linhagem, como atesta o ritual de formatura de Contramestre (CM) Buscapé, ocorrido em julho de 2018. Ele foi reconhecido como contramestre de capoeira por Mestre Bobby, de Teresina, Contramestre Xicarangoma e Mestre Perna (ambos angoleiros de São Paulo). Além destes, outros mestres locais também forneceram o aval para tal titulação. Todavia, CM Buscapé já tinha seu próprio grupo, liderado exclusivamente por ele, ou seja, não mantém nenhuma relação formal com Mestre Bobby, menos ainda com os outros dois mestres de São Paulo.

Inclusive, CM Buscapé diz:

[...] o meu reconhecimento como contramestre se deve ao meu trabalho individual, a minha saída do grupo que fazia parte e a formação de meu próprio grupo, mostrando que eu era capaz por mim mesmo... claro que muitos amigos me ajudaram, mas eu posso dizer que foi o meu esforço individual que me fez contramestre de Capoeira.

A diferença parece estar localizada no conceito de ancestralidade, uma vez que as outras vertentes atribuem à Capoeira Angola sua ancestralidade. Nesse quesito, ela parece ser uma categoria pouco mobilizada em tais vertentes e, quando é usada, aparece numa concepção globalizante, pela via da Capoeira Angola. Diz CM Buscapé:

Antes da Capoeira Regional tinha a Capoeiragem, ela ainda não tinha o nome de Capoeira Angola que só começou a ser chamada assim depois do surgimento da Capoeira Regional, mas a Capoeira Angola que conhecemos é muito mais próxima da ancestralidade do que a Capoeira Regional/Contemporânea.

Sobre seu trabalho CM Buscapé diz:

Tanto o meu grupo (Gingado Brasileiro de Capoeira) quanto o meu evento partiu da ideia de que a Capoeira Moderna, a Capoeira Regional/Contemporânea, perdeu muito da tradição e da ancestralidade, portanto o meu evento busca resgatar a tradição e a ancestralidade da Capoeira, por isso quero ter a Capoeira Angola... Mas das próximas vezes, quero trazer mestres mais antigos que CM Xicarangoma e Mestre Perna.

Mesmo decidido em sua conversão para a Capoeira Angola, Felipe não abria mão de sua autonomia em prol da obtenção do valor *linhagem*, adquirido pela entrada em um grupo tradicional. Tudo parecia indicar para o fato de que Felipe, consciente de sua liminaridade, jogasse entre um e outro RL e, nesse jogo, esboçasse uma terceira alternativa (a Capoeira Angola teresinense).

Pela pouca relevância prática da *ancestralidade* para as demais vertentes, sua estrutura social é formada por praticamente duas unidades sociais (“grupo” e “filial”), diferentemente do que ocorre na Capoeira Angola (“linhagem”, “grupo” e “núcleo”). Assim, se na Angola um grupo é o conjunto de núcleos conectados a outros grupos unidos por uma linhagem, nas outras vertentes um grupo pode ser apenas um conjunto de filiais.

A transposição dessas fronteiras ou a conversão de uma vertente da capoeira para outra é, como já indicamos, reconhecidamente possível. Pode-se dizer que o fluxo das outras vertentes para a Capoeira Angola é maior e mais conhecido, enquanto o movimento inverso é praticamente inexistente. Os capoeiristas da vertente Contemporânea fazem uma transição interna e ritualizada, que, por sua vez, guarda momentos específicos, já que o ritual começa

com a estrutura da Capoeira Angola (cantos específicos, ritmos de berimbaus, estrutura dos instrumentos, jogos lentos e baixos), em que todos jogam e cantam segundo o modo que cada grupo entende a Capoeira Angola, e, em seguida, a estrutura se altera para os fundamentos específicos da Capoeira Regional (ritmos, cantos, instrumentos, movimentos):

Felipe buscava anular as críticas recebidas por capoeiristas das demais vertentes (quanto à ausência de um mestre angoleiro) participando das rodas de grupos vinculados genealogicamente à Capoeira Regional e à Contemporânea e ali demonstrando sua *valentia*. Nesse sentido, a legitimação almejada por Felipe também obedecia a critérios do regime de tais vertentes, mesmo porque, e isso é relevante, não havia grupos de Capoeira Angola na cidade até o início de 2018.

Desse modo, ideologicamente, Felipe estava convicto de sua conversão, mas, na prática, convivia com a comunidade capoeirística de Teresina, que era formada por grupos ligados à Capoeira Regional e à Capoeira Contemporânea. Isso o situava em ambos os RL: assumindo fundamentos da Capoeira Angola ao mesmo tempo em que aderiu a alguns fundamentos das outras vertentes, como o fundamento/valor *valentia* presente na lógica individualista que reconhece a performance individual do capoeira na roda. Ele afirmava:

Eu mudei meu jeito de jogar capoeira, jogo mais baixo, jogo um pouco mais lento, não uso cordel, sempre rio como quem está numa brincadeira ou num teatro, mas eu tenho que jogar com pessoas que eu sei que não estão pra brincadeira. Eles querem me bater mesmo! Quer dizer, agora nem tanto, mas antes era assim mesmo! Hoje eu até tenho opção, mas antes... o que eu ia fazer? Ou eu jogava com eles daquele jeito ou eu não jogava com ninguém! Então decidi jogar do meu jeito, como angoleiro, mas com eles, e provar pra eles que sou um angoleiro e que também jogo na roda de Capoeira Regional do jeito que eles querem.

Assim que Felipe começou a atuar como angoleiro e, ao mesmo tempo, tentou considerar os valores de outras vertentes de capoeira de Teresina, os próprios capoeiristas que o criticavam passaram a frequentar os encontros do coletivo Domingos de Angola no Parque da Cidade. Seguindo uma lógica agregadora e, de acordo com o próprio, adequada ao contexto da capoeira teresinense, Felipe não exigia exclusividade de seus seguidores, sendo a maior parte deles formada por capoeiristas que mantinham relações de pertencimento formal com outros grupos de Capoeira Regional e Contemporânea da cidade.

Podemos inferir, a partir do exposto, que Felipe disponibilizava um sistema alternativo em que era facultativo aos capoeiristas das outras vertentes mudar de um sistema a outro de forma mais intensa do que em seus rituais internos, mas não de forma definitiva, como seria exigido em grupos de Capoeira Angola tradicionais já consolidados no sistema de linhagem –

como o Grupo Zimba instalado na cidade em 2018 –. Além de capoeiristas, pessoas que não conheciam a capoeira iniciavam a prática no coletivo Domingos de Angola.

Com o passar do tempo, angoleiros se instalaram na cidade e também passaram a visitar o espaço de convivência do coletivo no Parque da Cidade. Membros do núcleo de Capoeira Angola Zimba-Teresina e do Grupo de Capoeira Angola Guaribas encontravam naquele espaço um ambiente de interação mais próximo daquele de suas próprias linhagens tradicionais: uma musicalidade de acordo com os valores/fundamentos dessa vertente, jogos menos motivados pela *valentia* etc. Felipe, por sua vez, finalmente havia encontrado uma interlocução específica da Capoeira Angola em sua cidade.

O rigor com a musicalidade, característico dos angoleiros, era mantido por Felipe, como atesta a fala de Mariana, angoleira do núcleo Zimba-Teresina (que frequentava os treinos e rodas do Domingos):

[...] certo dia, um capoeirista da Regional pegou o berimbau e tentou modificar os toques que o Felipe usava e o Felipe parou a roda e falou que ali era o seu espaço e quem quisesse ficar ali deveria respeitar o que se fazia ali. Depois disso, o cara tentou pegar o Felipe durante um jogo e Felipe, ao invés de parar o jogo e dizer: "isso também não se aceita aqui", jogou de igual para igual com o cara... o cara teve que obedecer e ainda sair respeitando o Felipe nos seus próprios termos.

Aqui vemos elementos vinculados aos valores/fundamentos de dois RL idealmente opostos sendo mobilizados por Felipe: por um lado, os instrumentos e a forma de serem tocados, tomados de empréstimo de Mestre Ananias, o que informa a referência à "linhagem" específica do modelo da Capoeira Angola; e, por outro lado, enfrentar o desafio de fazer-se respeitar no jogo pelo uso da violência evidencia a *valentia*, valor específico do RL da Capoeira Regional e Contemporânea.

Mesmo com fundamentos diferentes e ausência de linhagem, ambos os grupos de Capoeira Angola (Zimba e Guaribas) acabaram reconhecendo a importância de Felipe como o precursor da Capoeira Angola da cidade de Teresina. Ele passa então a treinar com os membros do núcleo Zimba sem inserir-se em sua linhagem e, por sua vez, estes também passam a frequentar treinos e rodas do coletivo Domingos de Angola com certa frequência. Pode-se dizer que apesar das distinções de fundamentos, sobretudo em relação à linhagem, havia o reconhecimento entre ambas as partes, um reconhecimento mútuo da necessidade de parceria em prol da construção de uma cena angoleira na cidade. O grupo Guaribas reconheceu Felipe como angoleiro de uma forma ainda mais enfática, convidando-o

a dar aulas e palestras em eventos organizados pelo grupo na cidade de Picos-PI, sem, contudo, reconhecer nenhum vínculo de pertencimento.

#### **4.2 Coletivo Domingos de Angola: Capoeira Angola e o espaço público**

As atividades promovidas por Felipe ocorriam no Parque da Cidade durante os domingos, razão pela qual o coletivo foi chamado de Domingos de Angola. Os encontros começavam geralmente às 9h e se estendiam durante todo o dia, por vezes se alongando até as 19h. De tempos em tempos, os integrantes paravam para descansar e fazer suas refeições. Muitas vezes, Felipe partilhava seu almoço (que levava em uma marmita) com quem quer que lá estivesse. Muitos dos seguidores do Domingos de Angola eram crianças e jovens carentes de bairros adjacentes ao Parque da Cidade, entre eles as comunidades da Primavera, Vila Risoleta Neves, Água Mineral e Real Copagre.

As atividades tinham início, geralmente, com aulas de música nas quais quem estava presente observava e seguia atentamente as instruções acerca dos toques dos instrumentos e de sua disposição na composição do que é chamado de “bateria”. Em seguida, iniciava-se o treino físico, com séries de exercícios e movimentos corporais da Capoeira Angola que Felipe aprendera tanto em eventos quanto em aulas virtuais (movimentos baixos, com o corpo relaxado e executado com relativa lentidão). Ao final desse treino ocorria a roda de Capoeira Angola para todos os participantes que quisessem jogar. Para finalizar a dinâmica do coletivo, uma conversa sobre a capoeira e acontecimentos gerais do universo capoeirístico teresinense. Essa dinâmica se repete durante todo o dia: música, treino, roda e conversa, com intervalos de cerca de 30 minutos.

Uma das características fundamentais do coletivo Domingos de Angola é o uso de espaços públicos. Anexamos a essa característica central a gratuidade e a autonomia do trabalho de Felipe. Outros grupos também realizavam e realizam atividades em espaços públicos da cidade, mas trata-se de uma extensão esporádica de atividades que ocorrem em espaços privados, o que pode significar atividades inseridas numa dinâmica de pagamento de mensalidades, ou trata-se de grupos que treinam em espaços públicos, mas que estão inseridos em projetos apoiados pelo governo municipal ou estadual, de modo que os alunos não pagam, mas os mestres ou instrutores recebem pelo trabalho.

No caso de Felipe, a independência era total, tanto em relação a outros grupos quanto a auxílios governamentais, o que refletia sua posição política. Muitos compreendiam a iniciativa de Felipe como uma ação de caridade ou como uma doação. Para nós, sua atuação

explica-se muito mais como uma espécie de retribuição inserida na lógica de uma “troca dádiva” (MAUSS, 2003). Durante as conversas no coletivo Domingos de Angola, ele sempre falava sobre sua concepção de capoeira atrelada aos espaços públicos, deixando subentendida sua postura anti-institucionalizante. Em um dos encontros Felipe afirmou:

[...] praça e parque são os lugares tradicionais da Capoeira, a Capoeira é do povo e o povo... sabe como é, tem de tudo no povo! Nestes lugares sempre tem um bêbado, um drogado, ou uma criança com fome que não tem nada pra comer e também não tem nada pra fazer... Quando eles veem a Capoeira eles se aproximam mesmo, alguns querem pegar o pandeiro... muitas vezes aquele cara que tá todo arrebitado, magrelo e sujo, já foi um grande capoeirista e surpreende todo mundo quando pega num berimbau e canta! Estes caras têm que ter um lugar pra jogar também, tem que fazer parte da Capoeira. Claro que é perigoso, tudo é desconhecido, um cara destes pode ter uma faca, pode querer te machucar mesmo sem ser Capoeira, pode querer te roubar... mas a rua é assim e a Capoeira é assim, as duas coisas sempre andaram juntas no passado, agora tem de ser assim também! A capoeira é da rua e do povo, temos que oferecer isso de volta!

Ainda que todo espaço público seja construído no meio urbano, ele deve ser compreendido para além da noção de “rua”, isto é, como uma categoria socioespacial da vida que pode ser identificada com ações que instituem sentido a determinados locais da cidade e são por eles influenciados. O espaço do parque é sagrado para Felipe!

Certeau faz distinção entre as categorias “estratégia” e “tática” para supor a existência de diferentes formas de atribuição de sentido ao espaço e à disputa entre Estado e sociedade civil. Para ele, a categoria “estratégia” consiste em um “conjunto de práticas que articulam espaço e poder [...] [e] criam demarcações físicas através das quais o poder se distribui e se consolida” (CERTEAU, 1996 apud LEITE, 2002, p. 121). Por sua vez, a “tática” se caracteriza a partir de movimentos não homogêneos e não previsíveis em locais que não lhe são genuínos. O autor dá a entender que a “tática” é compreendida em função da ausência de poder e manifestação de resistência, enquanto a “estratégia” se mostra organizada em prol desse poder instituído.

Assim, a “tática”, quando associada à esfera geográfica (ou espacial) do lugar, pode ser definida como um “contra-uso” (LEITE, 2002) do espaço público, capaz não somente de inverter os usos prescritos de um espaço controlado, mas também de permitir que o espaço resultante da estratégia seja dividido em diferentes lugares, em virtude da delimitação socioespacial da diferença e das ressignificações que tais “contra-usos” promovem. Dessa forma, entendemos que os integrantes do coletivo Domingos de Angola vão ao Parque da Cidade no intuito de criar vínculos em função de valores/fundamentos associados à ocupação do espaço público como um elemento de *ancestralidade*, de retorno ao povo do que é do

povo, em detrimento de usá-lo apenas como local de passagem ou de lazer previamente definido pelos gestores urbanos.

No início, Felipe utilizava o coreto do Parque da Cidade, mas já havia grupos de Kung Fu fazendo uso do local como extensão das atividades da academia. Ele mudou-se então para um pequeno espaço coberto e cimentado, situado ao lado de duas salas designadas, uma para servidores do Parque (os vigias) e outra para professores da Escolinha de Futebol, um projeto da SEMEL (Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de Teresina). Na realidade, o local estava abandonado e era usado como banheiro e como local de descarte de lixo pelos frequentadores do Parque. Descasos como esses contribuíam para o desencantamento de Felipe em relação a qualquer tipo de apoio governamental.

Vê-se que o mesmo descaso das seguidas gestões municipais em relação à capoeira é direcionado ao próprio Parque da Cidade, pois a única manutenção realizada pela prefeitura durante os últimos nove anos foi a pintura das quadras e das paredes dos espaços cobertos, como nos relatou um dos vigias: “foi apenas uma maquiagem no parque, os problemas sérios ainda estão aí, violência, falta de limpeza e reforma”. Como continuidade desta maquiagem, a prefeitura efetivou uma parceria com uma empresa de plano de saúde, a Unimed, que se comprometeu a promover melhorias no Parque, usando as cores da empresa e fazendo do local parte de suas ações publicitárias.

Quem se posicionou junto à prefeitura e à Unimed representando o espaço do Domingos de Angola foi um dos vigias do próprio Parque, já que Felipe gostava de manter a autonomia de seu trabalho, além de nutrir desconfiança e receio de que essa parceria seria apenas o princípio de um processo de privatização do Parque da Cidade. Dessa forma, o espaço do Domingos de Angola passou a ter lajotas, mas, por outro lado, os desenhos feitos nas paredes por Felipe e seus alunos (berimbaus, frases de capoeira etc.), que atribuíam certa identidade ao ambiente, foram apagados e, em seu lugar, as cores verde e branca da empresa.

Os integrantes do coletivo Domingos de Angola e alguns funcionários do Parque, sobretudo os vigilantes, uniam-se para realizar melhorias do espaço e de seu uso, de modo que o trabalho de Felipe também era legitimado pela comunidade local, além de contar com o apoio dos funcionários do referido estabelecimento público. Eles passaram a auxiliar Felipe na limpeza do local, disponibilizando vassouras e produtos de limpeza, água para os capoeiristas beberem e até mesmo cedendo a cozinha destinada aos servidores para o preparo de alimentos durante os intervalos dos treinos. Nas palavras de Felipe:

Eu agradeço aos vigias, não à Unimed... graças ao apoio dos vigias a gente pode ficar aqui o dia todo, um pouco mais confortável... a ideia é ficar no Parque o máximo de tempo possível, treinando, brincando, jogando, cantando a Capoeira Angola como era a praticada no passado, sem escolas, sem uniformes, sem besteiras modernas, apenas a Capoeira Angola como os antigos mestres praticavam. Isso é um fundamento ancestral que tem que ser resgatado.

A ação de resgate da tradição ancestral da Capoeira Angola através da ocupação do Parque é significada pelas angoleiras do Zimba, Mariana e Anna Raquel, como uma alternativa aos problemas da cidade. Para elas, a cidade de Teresina não está preparada para o uso do espaço público e iniciativas como as de Felipe contribuem para a mudança desta realidade: “iniciativas que trazem pessoas para o parque é a única forma de deixar o lugar seguro!”. A fala de Alberto, outro angoleiro do núcleo Zimba-Teresina, aponta para o potencial de democratização do saber capoeirístico promovido por Felipe:

Aulas de graça que reúnem pessoas da periferia com pessoas da Universidade e do centro da cidade, crianças e adultos, homens e mulheres só poderia ser em espaço público, a Capoeira é do povo e se não fossem iniciativas como as do Felipe, daqui a pouco a Capoeira só seria aprendida por quem pode pagar.

Podemos dizer que o Domingos de Angola é uma atribuição de sentidos à experiência urbana (AGIER, 2015) ou mesmo um conjunto de práticas sociais que reivindica um “direito à cidade” (LEFEVBRE, 1969).

### 4.3 Um evento catalizador

Em novembro de 2017, um garoto chamado Elias, de 14 anos de idade, foi morto no Parque da Cidade ao reagir a um assalto. Era um dos meninos que frequentavam o espaço desde há muito tempo, passando ora ou outra pelas aulas de Felipe. O impacto desse acontecimento foi tão grande que Felipe decidiu suspender os treinos por tempo indeterminado e arquitetar alguma manifestação que chamasse a atenção do poder público para a falta de segurança do local.

Os capoeiristas que frequentavam o local iniciaram então campanhas nas redes sociais. Uma delas se deu na forma de uma música, feita pelo capoeirista do Grupo de Capoeira Contemporânea, Gil Rocha, que mora na região Norte de Teresina, próximo ao Parque da Cidade. Gil compõe muitas músicas para capoeira, mas decidiu escrever uma fora dos padrões, especificamente sobre o Parque da Cidade, e direcionada ao atual prefeito, Firmino Filho (PSDB). A ideia foi fazer a paródia de uma música conhecida na cidade por ser utilizada como jingle político, e foi batizada de “O Parque da Cidade tá entregue ao satanás”:

Você que pensa que sou tonto / Tá me deixando louco de tanto sofrimento / cheio de obra parada / Só não enxerga quem não quer / Faz pena a zona Norte de Teresina / é promessa na saúde, educação / No esporte e no lazer tem muita decepção / e a segurança tá uma negação / Eu tô triste, eu vi a minha filha chorando pelo 15 de outubro / Soluçando ela dizia que não mais jeito / O Parque da Cidade tá entregue ao Satanás / Sem estrutura as quadras estão abandonas / Eventos culturais já não existem mais / O Parque da Cidade está entregue ao satanás / Só tem assalto, gente fumando crack / E a vida de Elias foi tirada no Parque / O Parque da Cidade está entregue a Satanás / Aí vem com promessa idiota / o 15 de outubro não funciona mais / Aí vem com promessa idiota / O Parque da Cidade tá entregue ao satanás

A música circulou pelas redes sociais enquanto uma roda de capoeira e uma passeata estavam sendo organizadas. Contudo, a roda e a passeata não ocorreram porque Felipe foi acometido de uma doença grave e ficou internado durante meses até seu falecimento, em agosto de 2018.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o universo da capoeira na cidade de Teresina é organizado por uma lógica que estabelece distanciamentos e aproximações entre os diferentes segmentos que o constitui. É um conjunto de identidades formuladas mediante sinais diacríticos entre capoeiristas de distintas vertentes e grupos de capoeira, evidenciando uma complexa estrutura formada pela articulação entre heterogeneidade e homogeneidade.

A identidade do coletivo Domingos de Angola e de seu líder Felipe Esdras encontra-se a meio caminho das principais tradições deste universo. Ela parece ser formada a partir de uma espécie de bricolagem dos sinais diacríticos estabelecidos por outros grupos já consolidados em outras vertentes, caracterizando-se como uma nova vertente, uma identidade nova no universo da capoeira, isto é, uma Capoeira Angola genuinamente teresinense.

A tradição da Capoeira Angola com a qual Felipe se aproximava é baseada, principalmente, no valor/fundamento *ancestralidade* presente no regime de legitimidade da Capoeira Angola. Esse valor é normalmente realizado pela linhagem que, por sua vez, é realizada pela efetivação de um vínculo de pertencimento a um grupo e a um mestre tradicional. No entanto, a tradição da comunidade capoeirística da cidade de Teresina com a qual Felipe mantinha relações duradouras parece ser baseada principalmente nos valores/fundamentos *valentia* e *autonomia*. São valores opostos e contrastados: a *ancestralidade* funciona segundo “princípios hierárquicos” e a *valentia* e a *autonomia* segundo “princípios individualistas”.

Felipe Esdras construiu sua legitimidade entre os regimes das duas tradições, no limiar entre elas, correndo o risco de ser deslegitimado em ambos, uma vez que se aderisse completamente ao princípio da “hierarquia” (*ancestralidade* e *linhagem*) para ser legitimado no universo da Capoeira Angola teria de negar o princípio do “individualismo” (*valentia* e *autonomia*), necessário para ser legitimado no regime das outras vertentes.

Se optasse pela legitimação do regime da Capoeira Angola, deveria filiar-se a um grupo de fora da cidade, e assim perderia a *autonomia* para realizar seu trabalho como lhe conviesse (tanto no tocante à dinâmica de suas aulas quanto à sua participação nas rodas de rua, o que era necessário para a demonstração da *valentia*) e teria sua legitimidade no cenário local, junto às demais vertentes, dificultada. Aderir completamente aos princípios individualistas para ser legitimado no universo da capoeira teresinense não estava nos planos de Felipe, uma vez que ele já havia abandonado esses princípios antes e isso o deslegitimaria junto aos novos angoleiros que se tornaram parte do cenário teresinense nos últimos anos.

A alternativa foi manter-se sem filiações formais com mestres de Capoeira Angola, mas com uma espécie de “apadrinhamento”, isto é, uma modalidade de conexão que não exige a obediência e o vínculo formal (BRITO, 2017), como foi a aproximação ao grupo de Capoeira Angola de Mestre Ananias, em São Paulo, para onde viajava em busca de aprendizado e conexões. Mestre Ananias (falecido há cerca de três anos) coordenava uma das mais famosas e antigas rodas de capoeira de rua, localizada na Praça da República em São Paulo, portanto é um modelo entre os angoleiros de ocupação de espaços públicos.

O interessante é que Felipe construiu um discurso que associava a *ancestralidade* mais à “ocupação do espaço público” do que à imagem específica de Mestre Ananias e seu grupo Senhor do Bonfim, ao defender a ideia de que a verdadeira Capoeira Angola – a “capoeira ancestral” – era feita pelo povo em parques e praças públicas. Mediante esse discurso que atrelava a ocupação do espaço público à tradição e à ancestralidade, Felipe conseguiu o respeito e a legitimação dos novos angoleiros de Teresina que entendiam seus valores como uma forma de evidenciar um problema social da cidade.

Por outro lado, o espaço público foi palco de um trabalho completamente autônomo (financeiramente e politicamente) e propício para a demonstração de *valentia*, uma vez que estava aberto a todos que ali quisessem chegar e testar as habilidades bélicas de Felipe, fazendo com que ele também conquistasse a legitimidade entre os capoeiristas locais das vertentes Regional e Contemporânea.

Assim, “a ocupação do espaço público” é o elemento fundamental para a identidade do coletivo Domingos de Angola, tornando-se, ao mesmo tempo, uma característica peculiar do

coletivo e o elemento que sintetiza os fundamentos contraditórios dos regimes de legitimação das múltiplas vertentes de capoeira atuantes hoje na cidade de Teresina.

Nas análises realizadas durante a pesquisa, foi possível perceber que além da estabilidade (talvez momentânea) instituída entre o coletivo Domingos de Angola e os outros grupos de capoeira da cidade (o que podemos chamar de esfera da “política nativa local”) mediante a ocupação do Parque da Cidade e de outros espaços públicos, evidenciou-se também uma oposição entre os grupos de capoeira e o poder público. Uma espécie de transbordamento de questões da “política nativa” (relações sociais internas aos grupos de capoeira, envolvendo os RL das três vertentes) para a esfera pública das redes sociais envolvendo a política formal (poder público e o próprio prefeito da cidade).

A questão aqui tratada parece estar encapsulada numa esfera à parte da política formal, mas englobada por esta, que é a “política nativa”. A materialização do valor/fundamento *ancestralidade* em ocupação de esboço público idealizado por Felipe remete essa “política nativa” à uma realidade agrária (uso dos espaços públicos) dos ancestrais dos negros brasileiros que vivem hoje nas periferias brasileiras e que foram abolidos e abandonados sem nenhuma terra ou política pública que os amparasse. De fato, a política interna do universo da capoeira teresinense, para além de questões locais, nos remete ao uso dos espaços públicos geridos pelos nossos governantes desde a abolição da escravatura e ao papel de resistência que a capoeira tem representado desde então, ocupando esses espaços e resistindo à restrição de circulação e de consumo por parte de segmentos desfavorecidos.

Parece-nos que a análise do processo de construção da identidade do coletivo pesquisado possibilita entender o espaço público como um sinal diacrítico inserido no conjunto identitário da capoeira teresinense, mas também indica como processos identitários sempre estão atrelados a questões políticas mais amplas.

## REFERÊNCIAS

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer cidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ARAÚJO, R. C. **Iê viva meu mestre**: a Capoeira Angola da “escola pastiniana” como práxis educativa. 2004. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2004.

AUETU! A Capoeira no Fio da Navalha. Direção: André Silvério. Produção: Zé Pedro. Santo André: Cadência Filmes, 2014. 1 vídeo (59 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcqTrD5hUUo>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BRITO, C. de. **A roda do mundo: a Capoeira Angola em tempos de globalização**. Curitiba: Appris, 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. IPHAN. **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Dossiê. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossiê\\_capoeira.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossiê_capoeira.pdf). Acesso em: 22 abr. 2020.

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUMONT, L. Introdução. *In: Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: EdUSP, 1997. p. 66.

FRIGERIO, A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n.10, p. 1-20, 1989.

GOLDMAN, M. Introdução: memorial da cultura negra em Ilhéus. *In: Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 28-57.

GOLDMAN, M. Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ilhéus. **Mana**: Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 57-93, 2001.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 116-134, 2002.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. *In: Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NASCIMENTO, R.; MONTEIRO, I. Capoeira, cidade e cultura: notas etnográficas sobre ocupações criativas em Fortaleza-CE. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 29, p. 55-71, 2017.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sobre a estrutura social. *In: Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 245.

REIS, L. V. de S. O jogo de identidades na roda de Capoeira paulistana. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 13, p. 1-11, 2013.

SILVA, C. N. P. **Capoeira e Fisioterapia: a construção dos “coletivos” do Parque da Cidade e do espaço Viva Clínica**. 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, 2020.

SILVA, R. C.; CALAND, Tamara da .C.S. A inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina: notas etnográficas. **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v. 06, p. 93-104, 2009.

SILVA, C. R. **Capoeira**: o preconceito ainda existe. Teresina: Armazém Digital, 2008.

SOUZA, L. Taxação da roda de capoeira no Parque Vicentina Aranha, SJC. **Change.org**, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2ReSOzZ>. Acesso em: 22 abr. 2020.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

SILVA, C. N. P; BRITO, C. Da Política Nativa à Política Formal: A Capoeira Angola Teresinense e o Valor da Ocupação do Espaço Público. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 8, art. 3, p. 48-68, ago. 2020.

Contribuição dos Autores	C. N. P. Silva	C. Brito
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X